



Revista Pedagogia – UFMT

V.9 n°1

Jan/Jul 2022

1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BIANCA SANTOS DE JESUS

O QUE O PROFESSOR FAZ

Cuiabá

2020



AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe pela paciência que teve comigo durante os meses de escrita deste trabalho. A única coisa boa da pandemia foi poder voltar para a sua casa e passar esse ano ao seu lado. Agradeço, também, ao Murilo Ferreira Mendes Curvo por sempre me incentivar a escrever e por fazer de tudo para me deixar bem, mesmo que, às vezes, precise de muito *milk-shake* para isso acontecer. Você mudou minha vida, salvou minha vida e vou te amar para sempre por isso.



SUMÁRIO

1 MEMORIAL	4
2 ANÁLISE DO MEMORIAL	12



O QUE O PROFESSOR FAZ

Meu nome é Bianca Santos de Jesus. Nasci no dia 22 de maio de 2000, em Curitiba, Paraná, e sou de uma família pequena, a maior parte dela constituída por mulheres que sempre lutaram para alcançar o que queriam, principalmente na parte profissional.

Sou filha de Sandra Luciana. Minha mãe teve muitas dificuldades em sua vida, mas ainda assim conseguiu criar a mim e a minha irmã, na maior parte do tempo sozinha, ~~mas foi~~ embora tenha sido muito complicado para ela, pois sofria de depressão e transtornos convulsivos, então recebeu ajuda de minha avó, por isso, considero ter sido criada por ambas. O casamento dos meus pais foi sempre conturbado, tendo eles se divorciado em 2008. Tanto o casamento quanto o divórcio marcaram muito a minha vida por não ter sido nada amigável, por ter me obrigado a crescer muito cedo, em razão de tanta violência que presenciei e, principalmente, por ter trazido tanta instabilidade para a minha vida, de modo que em momentos de desespero minha única saída era a escola. Lembro-me da sensação de estar sempre querendo agradar meus pais para que tudo ficasse bem, e acabei desenvolvendo uma necessidade de agradar todo adulto que convivia comigo, principalmente meus professores.

Todos os lugares onde morei e cada escola onde estudei me marcaram de um jeito importante e foram moldando a pessoa que eu sou hoje. Tive muitas dificuldades na parte do ensino, principalmente quando chegava em uma sala que estava trabalhando algo que eu nunca tinha visto na escola anterior. Eu nunca fui a criança mais inteligente da turma, então, tinha que ser duas vezes mais esforçada para ter notas boas e aprender em uma semana o que a turma levava muito mais tempo que isso. Pensando, hoje, nos meus anos escolares vejo que meu aprendizado não foi dos melhores, mesmo com todo o meu esforço e o dos professores que me ajudaram.



Também fui afetada por essas mudanças na parte da socialização, pois meu objetivo sempre era agradar meus professores e achava que fazer amizade com crianças da minha idade não era de grande importância. Outro fator que me impedia de socializar pode ser atribuído a que sempre fui uma criança muito tímida e, por consequência, muito solitária. Demorava para eu me sentir confortável com outras pessoas; muitas vezes, quando começava a me sentir bem e ter amigos em algum lugar, tínhamos que nos mudar por algum motivo. O que fez toda a diferença de forma positiva e, também, de forma negativa no meu processo educacional foram as minhas professoras e professores. Muitas vezes, meus únicos amigos em uma escola eram professores, assim como outros funcionários, todos fundamentais para me dar forças para continuar, com pequenos gestos que eram exatamente o que eu precisava naquele momento e, em alguns casos, o que faltava para não me derrubar.

Meu Ensino Fundamental I começou na Escola Municipal Sidônio Muralha, em Curitiba, no Estado do Paraná, no ano de 2006. Durante o ano, tive muita dificuldade de adaptação, pois desde cedo apresentava problemas em me relacionar com outras crianças. Só conseguia ser eu mesma, a menina que ri e faz tentar fazer as pessoas rirem e ao mesmo tempo a menina que chora e não consegue ver graça na vida, no convívio com minha mãe e minha irmã. Minha mãe é uma pessoa extremamente tímida, acredito que ela foi assim por muito tempo devido à criação que recebeu da mãe dela, que é até hoje muito tímida por achar que todos são melhores que ela. Como minha vó fez com minha mãe, ela nos criou de uma forma sempre afastada das pessoas, mas sei que fez o seu melhor, com os recursos que tinha. Nesse ano, presenciei violência dentro da minha casa e sentia muito medo. Busquei amor onde havia violência por achar que, se ele era meu pai, devia ter amor ali em algum lugar; então, me fechei para relações fora de casa, pois o objetivo da minha vida era ter amor em casa. Por causa de um pressentimento, consegui salvar a vida da minha mãe e, com isso, o instinto protetor que eu sempre tive com ela só aumentou, porém, isso me afetou muito, principalmente na escola. A única coisa que eu queria era estar com a minha mãe o tempo todo, e mesmo na escola era só nisso que eu pensava. Minha timidez era tanta que eu não queria que as pessoas me vissem chorando, então me lembro de pedir para ir ao banheiro muitas vezes durante a aula para chorar e chamar baixinho a minha mãe.

Todavia, meu tempo nessa escola não foi totalmente ruim. Lembro-me da minha primeira professora passar atividades e falar a respeito do meio ambiente e sobre a importância de economizar água, de modo que fiquei tão impressionada com esse assunto que



comecei a falar para os meus familiares que nós íamos acabar com a água do mundo, conseguindo fazer com que minha avó e meu avô discutissem sobre o assunto. Lembro-me da atenção que essa professora dava a uma colega que tinha dificuldades para desenhar e pintar. Ela tinha tanta paciência e sabia exatamente o que falar para que a menina ficasse calma e conseguisse terminar a atividade.

Nesse ano, meus pais resolveram se mudar para a casa da mãe do meu pai e eu precisei me mudar para a Escola Municipal Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em Curitiba, Paraná, no ano de 2007. Nessa escola, eu consegui me aproximar mais das outras crianças, principalmente porque as mesas eram de dois lugares, então acabava socializando com a minha parceira de mesa. Essa escola era muito boa, eles estavam nos ensinando a ler e escrever e, junto, ensinavam espanhol, e ainda tinha a minha irmã comigo. Na outra escola, eu raramente a via, pois ela é três anos mais velha e os mais velhos ficavam separados dos mais novos, por consequência disso acabava ficando sempre sozinha no tempo livre. Contudo, agora nós podíamos passar o recreio juntas, mesmo que separadas por um portão. Nesse ano, meu pai resolveu se mudar para Santa Catarina, de forma que ele escolheu levar a minha irmã e, infelizmente, fomos separadas. Eu e minha mãe nos mudamos para a casa da minha avó depois que a mãe do meu pai nos mandou embora da casa dela. Foi um ano extremamente difícil para a minha mãe, pois ela sempre foi muito apaixonada pelo meu pai, e pior que estar longe dele era também estar longe da minha irmã. Minha mãe sempre teve depressão, mas todas essas coisas abalaram-na muito, então quem estava lá, zelando por mim, era a minha avó, uma das mulheres mais fortes que eu já tive a honra de conhecer. Mesmo eu sendo muito nova, a minha mãe nunca escondeu o que acontecia em nossa família, mas ela não sabia o quanto me afetava emocionalmente e, conseqüentemente, afetava meus estudos. O início sem a minha irmã na escola foi ruim e, mesmo já estando confortável sozinha, eu me forcei para socializar com as outras crianças.

No final do ano seguinte, em 2008, meus pais resolveram reatar o casamento, de maneira que eu e minha mãe nos mudamos para Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, e no último mês de aula fui matriculada na Escola de Educação Básica Julius Karsten. Lá, voltei a estudar com a minha irmã. Essa escola compreendia o primeiro ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Mesmo que agora eu conseguisse conversar com os colegas de sala, foi um grande alívio voltar a passar o intervalo com a minha irmã, até porque com ela eu sentia que podia ser eu mesma e ficar um tempo sem a pressão que eu sentia de falar com



as outras pessoas. Foi na Julius Karsten que eu conheci a professora Edite Nestor, que mudou completamente a visão que eu tinha da escola. Ela foi a professora mais amorosa, paciente e bondosa que eu já tive e uma das pessoas que mais marcou a minha vida. Fez-me ver a importância da profissão do professor, as aulas dela me fizeram ter interesse pela leitura, e com uma conversa ela fez com que minha mãe se interessasse por meus estudos. Depois disso, até começou a se importar em me dar livros e me ajudar com as atividades escolares, inclusive, o meu pai se propôs a me ajudar a aprender a tabuada. A professora Edite me enxergou, foi a primeira professora que me viu de verdade. Ali, no meio de tantas crianças, viu o quanto eu precisava de ajuda, e com toda a competência de uma ótima pedagoga, ajudou-me por meio da leitura.

No final de 2008, eu não conseguia mais suportar o ambiente prejudicial à minha saúde mental, visto que onde eu estava vivendo com os meus pais as brigas eram constantes. Meu pai bebia muito e não tínhamos o que comer em casa, pois ele gastava o salário dele e o da minha mãe. Comecei a conversar com a minha mãe sobre a possibilidade de irmos embora; depois de muita insistência, minha mãe teve forças, voltamos para Curitiba e meus pais decidiram se divorciar definitivamente. Minha avó nos acolheu mais uma vez, e no início de 2009 fui matriculada em uma escola nova que ficava localizada bem em frente ao apartamento da minha avó, a Escola Municipal Otto Bracarense Costa. A professora nos levava todos os dias no início da aula para a biblioteca do Otto, que era cheia de livros que nunca tinham sido usados, e lembro o quanto amei estar naquela escola. Consegui fazer amizades pela primeira vez e até voltava para casa com uma menina que morava no mesmo apartamento que eu; nessa escola, brinquei no intervalo com as outras crianças pela primeira vez.

Contudo, dois meses depois, meus avós venderam o apartamento e nos mudamos com eles para Araucária, cidade metropolitana de Curitiba. Infelizmente, precisei mudar de escola mais uma vez. Fui matriculada na Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, onde o primeiro dia de aula foi um dos que mais me marcou e mais ficou evidente para mim o quanto essas mudanças de escola iam me prejudicar dali para frente. Quando cheguei na sala, os meus colegas estavam fazendo exercícios de divisão, pois eles já tinham aprendido nesses primeiros meses de aula que eu estive na outra escola. No Otto, a divisão seria trabalhada mais tarde e por isso eu não sabia como responder aqueles exercícios. Por causa da timidez, não fui perguntar para a professora como resolver, em vez disso pedi ajuda de uma colega e tentei



fazer com o que ela tinha me ensinado. Quando levei o caderno para a professora corrigir, ela se irritou e começou a gritar que eu devia estar na série errada ou eu era muito burra por não saber dividir. Sempre dei um valor enorme para o que minhas professoras e professores pensavam sobre mim e foi muito duro ouvir aquilo. Como não sabia me impor, fiquei quieta e só contei para a minha mãe porque ela percebeu que algo estava errado. Ela foi na escola e a diretora me mudou de turma e disse que aquela professora era complicada, então, mais uma vez, estava em uma sala nova, mas com uma professora boa. No meu primeiro dia com ela, eu tinha chorado muito e ela contou uma história antes da aula para me acalmar.

No começo do ano de 2010, minha mãe se casou com o meu padrasto e, como ele era de Londrina, no interior do Paraná, nós tivemos que nos mudar para lá. Esse foi um dos momentos mais marcantes da minha infância, eu queria muito continuar no Ayrton Senna da Silva, já tinha feito amizades e gostava muito da minha professora. Outro motivo que tornava tudo mais difícil era ficar longe da minha avó e do meu pai, até porque ele tinha retornado para Curitiba e estava se esforçando naquela época para se aproximar de mim e da minha irmã. Mas não havia nada que eu pudesse fazer, então fui embora.

Meu primeiro dia na Escola Municipal Ruth Lemos foi em 16 de março de 2010, dia que ficou marcado porque conheci um colega que até hoje é uma das pessoas mais importantes na minha vida. Era uma boa escola, minha professora realizava muitos projetos de incentivo à leitura, um deles era a bolsa da leitura, ou seja, cada semana um estudante a levava com vários livros para casa e passava a semana toda com ela. Uma semana depois, a bolsa era devolvida e o estudante explanava sobre algo interessante que havia lido, após isso, passava a bolsa para o próximo colega da chamada. Lembro muito das aulas de informática, pois lá aprendíamos a fazer pesquisas sobre diversos temas, e também lembro de como a professora tinha paciência para nos ensinar a usar a *internet*. A biblioteca da Ruth Lemos foi algo que me marcou muito. A professora que cuidava da biblioteca me deixava ver os livros antigos que ficavam no fundo da sala, e foram nesses livros que eu descobri a Irlanda, que foi a maior paixão da minha infância, foi a forma que eu encontrei de manter a minha cabeça focada em algo que não fossem os problemas da minha família. Eu pesquisava sobre tudo e sonhava em um dia conhecer a Ilha Esmeralda.

Eu sempre fui comparada com a minha irmã, que é uma pessoa alegre e engraçada, que ri de tudo e faz todos rirem, e eu sou o completo oposto dela, sempre fui uma criança triste. Mas, nesse ano, percebi que algo estava errado quando comecei a ter pensamentos



suicidas. Quando estava com esses pensamentos na cabeça tentava focar nas coisas que me deixavam bem, como ler livros que eu gostava, pesquisar informações sobre a Irlanda e ouvir música. Guardei isso para mim, pois achava que a minha mãe ficaria brava comigo, mas tudo teria sido mais fácil se eu tivesse apoio e fizesse terapia desde aquela época porque tentar ignorar o problema só fez com que ele crescesse.

Em 2011, minha sala toda teve que mudar de escola para iniciar o ensino fundamental II, de modo que eu e a filha do meu padrasto, que acabou se tornando minha irmã do coração, fomos para o Colégio Estadual Professora Ubedulha C de Oliveira. De todas as escolas, essa foi a que eu permaneci por mais tempo. Estudei três anos letivos seguidos lá, e foi a melhor de todas as escolas, onde fiz amigos incríveis que vou levar para sempre comigo. Minha relação com a minha mãe se complicou e a escola era meu refúgio. No meu primeiro ano lá, tive algumas dificuldades por ser muito tímida, sofri *bullying* e precisei começar a me arrumar e passar maquiagem para que parassem de fazer comentários sobre mim. Uma tarde após o intervalo, fui empurrada no chão por um menino que me chamava de “sapatão”. Eu não pretendia contar a minha professora, mas um colega acabou contando e ela disse que a culpa, provavelmente, era minha. Por muito tempo tive medo de estar realmente sendo a culpada. Tudo isso passou depois que eu comecei a ser o que esperavam que eu fosse, embora tenha saído da minha zona de conforto e conseguido me enturmar de verdade, fazendo muitas amizades e sendo feliz.

Eu via que a forma de chamar atenção da minha mãe e dos professores era indo bem na escola, então fazia de tudo para tirar as melhores notas. Minha mãe percebeu que eu estava indo bem em matemática e disse que se eu tirasse dez em todos os bimestres ela ia me dar um presente no final do ano, então eu me orgulhei muito de ter conseguido e por ter sido elogiada pela professora. Mas também estudava porque gostava, principalmente por tirar o foco da situação que estava em casa, de modo que minhas notas eram excelentes e o que vivi naquela escola será sempre lembrado.

Muitos momentos marcaram aquela época boa, mas os que mais ficaram em minha memória são os momentos com a professora de matemática, com a de educação física e a de inglês. Minha professora de matemática disse para a minha mãe que se orgulhava muito de mim e isso foi importante. Eu odiava ter aulas de educação física, o maior motivo sempre foi a timidez pois tinha aversão de ficar no centro de algo, em numa posição onde pudessem me ver, mas minha professora percebeu isso e me incentivou a ter interesse. Ela me colocou nos



times de basquete e handebol e me mostrou que podia ser divertido, de forma que acabei me apaixonando pelos dois esportes e perdi a timidez de jogar na frente das outras pessoas. Minha professora de inglês me disse que um jeito muito bom de aprender o idioma era ouvindo músicas e escrevendo a tradução delas. Aprendi muitas coisas assim e ela se orgulhava toda vez que mostrava as letras que eu havia traduzido. As melhores horas do meu dia eram na escola com os meus amigos e professores, porque eles tornaram o fardo pessoal bem mais leve de carregar; muitas vezes, eu tinha uma crise em casa de manhã e quando chegava na escola parecia que estava em outra vida. Mas acabei não suportando mais a situação em casa, e eu sabia que se continuasse lá não ia ter mais forças.

Fui passar as férias do final do ano de 2013 na casa do meu pai em Várzea Grande, ~~ele~~ que havia se casado com minha madrasta. Como ela era de Curitiba, ele se mudou para essa cidade. Nunca tinha pensado em morar com o meu pai, mas na época achei que era a única opção que eu tinha. Tive que escolher deixar a escola, que foi o único lugar onde eu fui feliz, e infelizmente a mudança não deu resultados positivos. Meu pai sempre foi um homem agressivo e manipulador, e mesmo estando com a minha irmã, essa experiência na casa dele foi o que faltava para me fazer afundar. Eu comecei a estudar na Escola Estadual Pedro Gardes em 2014, e passei o ano todo sozinha, não falei com quase nenhum colega e nenhum professor, só obtinha resultado suficiente para passar de ano; portanto, foi um ano de recaída. A única coisa boa desse ano foi quando a escola ofertou um curso de LIBRAS, eu me inscrevi e foi uma das experiências mais incríveis da minha vida. Por causa desse curso também comecei a ligar para a minha mãe e voltar aos poucos a falar com ela. Estava impossível continuar na casa do meu pai, e meus tios me chamaram para morar com eles em Curitiba, no ano de 2015, tendo eles me matriculado no Colégio Estadual Professor Victor do Amaral, onde eu dei início ao Ensino Médio. Nesse colégio, concluí o meu primeiro e segundo ano. Meu primeiro ano no Ensino Médio foi solitário, eu estava extremamente deprimida, foi tudo muito difícil, e quando eu estava no segundo ano meus tios me mandaram embora da casa deles. Eles não sabiam lidar com a minha depressão e disseram que não queriam estar responsáveis por mim se algo acontecesse. Queriam que eu fosse morar com a minha mãe, que estava de mudança para Várzea Grande para ficar com a minha irmã, pois ela e meu pai já não se falavam mais e ela estava sozinha lá. Eu não queria ter que mudar mais uma vez de escola, por isso pedi para morar com a minha avó. Mesmo que eu tivesse que pegar duas horas de ônibus todos os dias para chegar na escola e mais duas para voltar, eu decidi que



seria melhor do que mudar mais uma vez. Nesse momento, muita coisa mudou para mim com relação à escola, visto que meu professor de Artes era também psicólogo, tendo ele me enxergado. Sempre tentava me ajudar a conversar, e me lembro do primeiro livro que me passou, que se chamava “A arte de ler mentes”. O professor Raphael conseguiu, aos poucos, me tirar daquela bolha que eu criei, e então no segundo semestre no Victor do Amaral tive uma experiência parecida com a do Ubedulha. Fiz amizades incríveis e tive os melhores professores, como o professor Carlos, que me mostrou tantas músicas boas e me ensinava muito sobre a vida, e o professor Carlos Nogaroli, que me tratava com tanto carinho e me convidou para ser uma das cinco primeiras pessoas a ler o novo livro dele. Outra pessoa que foi muito especial para mim naquele momento foi o “tio” Lineu, o funcionário da escola que cuidava do portão e nas horas vagas era a melhor pessoa para dar conselhos, ouvir, brincar e ser a melhor companhia. Todos eles tiveram um papel extremamente importante na minha escolha de curso de nível superior. Nunca vou conseguir demonstrar o bastante a gratidão sem tamanho que eu tenho por eles e por terem feito eu me sentir acolhida, ouvida, respeitada e muito feliz. Nesse tempo, minhas notas só aumentavam e eu estava frequentando uma nova psicóloga muito boa, tendo um ótimo final de ano.

Contudo, também encontrei pedras no caminho nessa escola, pois fui assediada por um professor que confiava. No início, foi muito complicado e comecei a questionar e ter medo dos professores que não eram monstros iguais a ele. Esse momento foi importante para que eu passasse a olhar com mais atenção em quem eu podia confiar, e aprendi que até professores podiam abusar do seu “poder”.

Acabei me reaproximando da minha mãe e ela me chamou para morar com ela. Como ela tinha se mudado para Várzea Grande para morar com a minha irmã, pensei que seria bom morar com elas. Minha relação com a minha mãe sempre foi conturbada, mas dessa vez estava tudo bem entre nós, o problema foi que eu estava com uma depressão severa e tive muita dificuldade de passar por aquele momento. Comecei a estudar na Escola Estadual Professora Adalgisa De Barros em 2017, e estava com dificuldade para conciliar tudo na minha vida, o que me afetou um pouco na escola; mesmo assim, não queria decepcionar os professores, então fazia de tudo para estar na média. Nesse ano, tive uma crise muito forte e fui levada às pressas a um psicólogo conhecido da família do meu cunhado. Continuei indo lá algumas vezes e ele me deu uns remédios naturais que eu precisava tomar depois do almoço e me dava muito sono. As consultas também eram na parte da tarde, então minha mãe foi tentar



me mudar para o horário matutino da escola; contudo, o diretor não queria fazer essa alteração. Ficávamos sabendo de alunos indo para o matutino e o diretor continuava dizendo que não tinha vaga. Depois de faltar diversas aulas e apresentar muitos atestados ele concordou em me mudar para o matutino. Fui molestada pelo meu psicólogo, e falei para a minha mãe que eu já estava bem, para não ter que voltar a ir lá. Então tive que seguir a vida como se tudo estivesse normal. Lembro de um dia que estava na saída da escola conversando com um colega, o diretor passou, me viu, fez uma cara maliciosa e gritou de longe que pelo jeito eu já devia estar curada. Foi uma das situações mais humilhantes da minha vida, ou seja, eu estava feliz por conseguir socializar e fui taxada dessa forma. A escola acabou ficando em segundo plano na minha vida nesse último ano, mas, mesmo assim, tinha o objetivo de entrar na Universidade Federal de Mato Grosso.

Em 2018, fui aprovada no curso de Pedagogia da UFMT. A sensação de provar a mim mesma que eu fui capaz de entrar na universidade foi a melhor de todas, mas ainda assim tive muitos problemas no início do primeiro ano, visto que não estava bem psicologicamente, naquela época. Tentei suicídio pela primeira vez, e por muito tempo não quis falar sobre isso, mas hoje vejo que eu não sou fraca e não devo ter vergonha por ter enfrentado uma doença. E como sempre o ensino foi uma luz no fim do túnel, após passar por aquela situação, parei para pensar e decidi que essa ia ser a minha vida, eu ia ficar bem, ia ser professora, ia ajudar crianças que passam pelo que eu passei e ia viver.

O apoio que recebi foi muito importante. Sou muito grata a Kamila Junca por toda a ajuda. E, mais uma vez, pude sentir a diferença entre o tipo de professora que eu quero ser para o tipo de professora que devia ter mais empatia. Logo depois desse acontecimento, eu fiquei com muitos problemas de saúde, meu estômago não suportava nem água, passei muitos dias sem conseguir me alimentar, me sentia fraca, embora não tenha faltado nem um dia de aula. Estávamos apresentando muitos seminários naquela semana; numa ocasião, uma professora falou na frente de todos que pelo jeito eu nem sabia do que estava falando de tão perdida que parecia. Eu tive muita dificuldade para explicar minha parte, depois de ficar uma hora em pé, aguardando o meu momento na apresentação. Por outro lado, houve uma outra professora que viu que eu não estava bem e perguntou se eu não gostaria de apresentar sentada; então, sem o esforço de ficar 30 minutos em pé, eu consegui realizar a minha apresentação.



Tenho muito orgulho de não ter desistido do curso e por ter criado forças para continuar e melhorar mais a cada dia. Uma tarde da qual nunca vou esquecer foi quando eu estava saindo da sala do Programa de Educação Tutorial (PET) e, naquele instante, o diretor que me humilhou, anteriormente, estava passando, me viu e me reconheceu, ficou envergonhado, quis me abraçar e me deu parabéns por ter entrado na UFMT. Fiquei muito satisfeita com a volta que o mundo deu.

ANÁLISE DO MEMORIAL

Analisando minha trajetória fica muito claro o quanto eu precisava da aprovação de um adulto, ou, às vezes, só um pouco de atenção. Não queria fazer de meus professores meus segundos pais, só queria ser vista e dar orgulho para alguém de alguma forma, queria ajuda e tinha sede de conhecimento. As professoras e os professores que passaram por minha vida nunca serão esquecidos e espero, um dia, ser a professora mais importante de alguém, espero ser um pouco do profissional que eles foram, sabendo como agir no âmbito do papel que possuem. Considero-me uma vencedora, e tudo que sou foi se formando aos poucos, com a contribuição de pessoas que escolheram ser educadores humanos. Quando estava na quarta série, decidi que seria professora de crianças, queria ser a professora Edite, a professora Acilsa, o professor Raphael e o professor Carlos. Serei a professora Bianca de muitas crianças, com muita dedicação e um pouquinho do que aprendi com cada um deles. E quanto às professoras e professores que não foram o melhor que podiam ser, tenho certeza que aprendi com eles também, aprendi a ser diferente e a buscar sempre melhorar como profissional.

O tema do presente memorial é o que o professor faz, pois sempre há um professor influenciando a vida de uma criança, independentemente do tipo de ajuda que ela precise. Talvez a criança necessite de ajuda para entender os preconceitos presentes na sociedade para entender sua própria sexualidade, entender por que ela se sente tão cansada e constantemente triste, ou por que ela não consegue ter amigos. Todas as crianças precisam e podem ser vistas pelos professores. O profissional de hoje não é mais aquele disciplinador com uma régua de madeira na mão para punir alguém, pois vivemos em um momento em que as mentes estão cada vez mais abertas; contudo, ainda assim há quem age como os professores do tempo dos meus pais. Precisamos evoluir e lembrar que todos já fomos criança um dia, e então entenderemos que elas não são adultos incompletos ou vasos vazios, elas têm sentimentos,



preocupações, angústias, questionamentos, amor e ódio, opiniões e pensamentos. Elas precisam ser ouvidas e vistas, mesmo em uma turma de 30 alunos, pois cada um deles tem sua história.

Para mim ser uma educadora requer extrema empatia e vontade de fazer o bem, mas, por experiência própria, não posso ser ingênua a ponto de acreditar que tudo ocorrerá dessa forma, e algumas vezes, devido a uma sala lotada, aquela criança quieta passa despercebida. Questiono como o professor age quando percebe uma criança com um comportamento diferente. O que ele faz? Que sinais o professor percebe na criança para considerá-la diferente? O professor costuma elogiar as pequenas conquistas da criança? Para melhor compreender o tema, realizarei uma pesquisa e um estudo empírico para ouvir de professores as respostas a esses questionamentos.